
Orientações sobre o uso da inteligência artificial nas políticas editoriais dos periódicos científicos da área da Comunicação ¹

Adriana A. OLIVEIRA²

Frederico BRAIDA³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O uso de ferramentas de inteligência artificial (IA) tem impactado diversos campos da sociedade, incluindo o meio científico. Diante desse cenário, questiona-se: quais são as orientações sobre o uso da IA nas comunicações científicas em periódicos? O objetivo é evidenciar as diretrizes das revistas da área da Comunicação, quando se trata do uso da IA na produção textual. Este artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa, exploratória e bibliográfica, envolvendo a reflexão crítica sobre as políticas de 84 revistas. Ao final, constatou-se que somente quatro periódicos apresentam diretrizes sobre o uso da IA, com orientações para autores, avaliadores e editores.

PALAVRAS-CHAVE: periódico científico; comunicação; comunicação científica; inteligência artificial; política editorial.

INTRODUÇÃO

Com quase 400 anos de existência, os periódicos científicos vêm acompanhando e se apropriando da evolução da tecnologia de informação e comunicação para agilizar o processo de comunicação científica. Fiovaranti (2015, p. 74) destaca que os primeiros periódicos iniciaram sua história a partir da troca de cartas entre os cientistas. Aguiar, Assis, Martino e Prazeres (2022, p. 5) ressaltam que desde a sua invenção, os periódicos acadêmicos exercem uma função central na difusão do conhecimento científico. Os autores também argumentam que, com o advento dos periódicos científicos, surgiram dois pilares fundamentais para a validação do conhecimento científico: através das publicações, as investigações e as descobertas eram submetidas ao debate entre outros pesquisadores, o que hoje conhecemos como validação por pares. O outro pilar fomentado

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente), XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação. Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Membro do Grupo de Pesquisa LEAUD/CNPq. E-mail: adriana.oliveira@ufjf.br.

³ Orientador do trabalho. Doutor em Design. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Líder do Grupo de Pesquisa LEAUD/CNPq. E-mail: frederico.braida@ufjf.br.

pela criação dos periódicos científicos, segundo Aguiar, Assis, Martino e Prazeres (2022, p. 6), é a “... investigação criteriosa de um tema”, tendo em vista que a metodologia também deveria ser divulgada no artigo, e, ainda segundo os autores, ambos os pilares foram importantes para o desenvolvimento da concepção moderna de “ciência”.

Com o desenvolvimento tecnológico e o uso exponencial da internet, os periódicos eletrônicos, que surgiram na década de 1970 (Oliveira, 2008, p. 69), vêm sofrendo uma série de transformações. Oliveira (2008, p. 69) destaca que a tecnologia de informação e comunicação permeia todo o ciclo de comunicação no ambiente virtual como a “[...] discussão com colegas, distribuição de *pre-prints*, processo editorial, anais de conferências [...]”.

Mais recentemente, conforme afirma Fernandes *et al.* (2021), a inteligência artificial (IA) tem impactado os modos de produção científica, alterando não somente os processos de pesquisa, mas também a redação e comunicação científicas, abrindo margem para uma série de questionamentos sobre autoria, ética e limites da interação entre humanos-máquinas. Diante desse cenário, questiona-se: quais são as orientações sobre o uso da IA nas políticas editoriais de revistas científicas? O objetivo deste artigo é evidenciar quais são as diretrizes estabelecidas pelos periódicos da área da Comunicação quando se trata do uso da IA na produção de artigos científicos no Brasil.

REFERENCIAL TEÓRICO

A melhoria no desempenho dos computadores proporcionou um grande salto na velocidade e execução das tarefas e processamento dos dados, possibilitando a utilização da inteligência artificial em diversos campos e contextos (Valdati, 2020, p. 7). A autora afirma que o termo IA foi criado em 1956, teve origem na ciência da computação e adota a seguinte definição: “[...] ciência e engenharia de construir e tornar máquinas inteligentes, principalmente *computadores inteligentes*” (Gurkaynak; Yilmaz; Haksever, 2016 *apud* Valdati, 2020, p. 8).

Santaella (2023, p. 23) afirma que a IA teve sua origem nas conferências de pesquisadores das ciências cognitivas, e, dessa forma, a mente humana foi a inspiração no desenvolvimento da ideia de que os computadores podem reproduzir o funcionamento da mente humana, aprendendo e se adaptando como ela. O objetivo da IA, segundo Valdati (2020, p. 9), é desenvolver sistemas que simulem a inteligência humana e que sejam capazes de realizar atividades com grau de eficiência equivalente ou superior em

relação ao profissional especializado. A autora destaca ainda que dentre as inúmeras aplicações da IA, destacam-se os assistentes inteligentes em celulares dos *smartphones* e eletrodomésticos inteligentes.

Spadini (2023) coaduna com Valdati (2020, p. 7) e enfatiza que a IA é uma área da ciência da computação cujo objetivo é desenvolver sistemas capazes de realizar tarefas que até então só poderiam ser executadas por humanos. Sampaio (2024) indica que a IA generativa (IAGen) é formada por modelos que foram desenvolvidos recentemente e que são capazes de “[...] gerar resultados (*outputs*) de diferentes naturezas tais como texto, imagem, som e mesmo vídeo, comumente chamados de ‘modelos fundamentais’, LLMs (*Large Language Models*, Modelos Grandes de Linguagem) ou GenAI [*generative artificial intelligence*]”. Para Lisboa (2023), a IAGen é uma tecnologia que utiliza padrões sofisticados extraídos de bancos de dados para gerar um novo conteúdo. O autor destaca ainda que IAGens, como o *ChatGPT*, *Gemini*, *Copilot* e *DALL-E*, utilizam a técnica *machine learning* (aprendizado de máquina) e conseguem gerar novas músicas, vídeos, imagens, textos, entre outros. Para Spadini (2023), a IAGen é treinada para criar novas informações a partir de dados já existentes. A Unesco (2024, p. 8) indica que a IAGen é uma tecnologia de IA que responde a comandos escritos (*prompts*) e gera conteúdo de forma automática. Porém, alerta sobre questões que envolvem a precisão das informações geradas, bem como o fato das ferramentas de IA não serem capazes de considerar o contexto social em seus resultados.

Embora a IAGen possa produzir novo conteúdo, ela não pode gerar novas ideias ou soluções para desafios do mundo real, pois não compreende objetos ou relações sociais do mundo real que sustentam a linguagem. Além disso, apesar de sua produção fluida e impressionante, não se pode confiar na precisão da IAGen (Unesco, 2024, p. 8).

Em fevereiro de 2023, o COPE divulgou orientações sobre a utilização da IA para o desenvolvimento da escrita científica, apontando oportunidades e desafios éticos, principalmente em relação à autoria e originalidade, mas que não abordavam todos os aspectos que envolvem a conduta responsável e ética na utilização das ferramentas de IA na redação científica. O COPE (2023, tradução nossa) indica que “As ferramentas de IA não podem cumprir os requisitos de autoria, pois não podem assumir a responsabilidade pelo trabalho submetido”. Mas, as orientações divulgadas pelo COPE também sugerem que o uso da IA deve ser informado, enfatizando que o autor é o responsável pelo conteúdo gerado.

Diante da ausência de diretrizes consistentes do COPE, editoras comerciais e publicações periódicas começaram a desenvolver seus próprios critérios. Uma investigação recente, realizada por Ganjavi *et al.* (2024), envolveu a análise bibliométrica das instruções para autores sobre o uso da IAGen em publicações acadêmicas. Os autores analisaram as diretrizes de 100 das maiores editoras acadêmicas e das 100 revistas científicas mais bem classificadas do mundo e constaram que apenas 24% das editoras e 87% das revistas, disponibilizam orientações sobre o uso da IAGen. Segundo Ganjavi et al. (2024), apesar da diversidade, as orientações disponibilizadas convergiam em relação à proibição de atribuição de coautoria para a IAGen, conforme orientação da COPE, mas em contraponto, os editores também orientam que os autores informem sobre a utilização da IAGen no texto desenvolvido.

Em 2023, a revista *Science* atualizou a sua política editorial e proibiu o uso de ferramentas de IA para geração de texto, imagens, gráficos. O editorial publicado informava que “A violação destas políticas constituirá má conduta científica, não diferente de imagens alteradas ou plágio de trabalhos existentes” (Thorp, 2023, p. 313, tradução nossa). O editorial destacou ainda que a simples declaração de originalidade do texto, assinada pelos autores no momento da submissão, já não seria mais suficiente para indicar que não houve uso de IA e por isso era fundamental atualizar e explicitar do tema na política editorial. Vasconcelos (2023, p. 1052) afirma que a revista *Nature* e os periódicos *Springer* também realizaram alterações nas políticas editoriais, adotando as diretrizes divulgadas pelo COPE.

Sampaio (2024) sistematizou diretrizes retiradas de editoras e periódicos de alto impacto e apresentou algumas recomendações: transparência no uso de IA, a autoria e a coautoria são atribuídas a humanos, todo o conteúdo é responsabilidade do pesquisador, os detectores de IA não são eficientes. Abordagem semelhante apresentada por Vasconcelos (2023, p. 1054), defende que os periódicos deveriam disponibilizar diretrizes sobre o uso de IA para garantir a integridade científica e nortear aspectos relacionados à coautoria:

1. mecanismos de inteligência artificial (como ChatGPT) não cumprem os requisitos para coautoria;
2. autore/as devem declarar (na metodologia ou nos agradecimentos) a utilização de mecanismos de inteligência artificial na redação do artigo e/ou nas demais fases da pesquisa científica;
3. autore/as são responsáveis por erros, plágios e outras más-práticas que eventualmente ocorram em suas pesquisas em razão da utilização de mecanismos de inteligência artificial.

Vasconcelos (2023, p. 1052) destaca ainda que o uso de ferramentas de IA por editores científicos é abordado nas recomendações da Associação Mundial dos Editores em Medicina (WAME), que indica que os editores e revisores devem informar aos autores sobre o uso de ferramentas de IA no processo editorial e na avaliação do manuscrito.

No Brasil, o Scientific Electronic Library Online (SciELO) divulgou orientações, em 2023, através do “Guia de uso de ferramentas e recursos de Inteligência Artificial na comunicação de pesquisas na Rede SciELO”, com diretrizes para autores, editores e pareceristas. O SciELO destaca o crescimento do uso da IA desde a preparação do manuscrito até a disseminação da produção, indicando que o guia

[...] tem por objetivo orientar os periódicos SciELO, as editoras de livros acadêmicos da coleção SciELO Livros, as editorias do SciELO Preprints e do SciELO Data sobre o uso de ferramentas de IA e de conteúdos gerados por aplicações de Inteligência Artificial (IA) na comunicação de pesquisas (SciELO, 2023, p. 1).

O documento disponibilizado pelo SciELO orienta que a autoria é atribuída apenas a humanos; editores e pareceristas não devem utilizar ferramentas de IA para submeter manuscritos, pois poderá acontecer vazamento de dados e comprometimento da integridade. SciELO (2023, p. 1-2) indica ainda que o uso de ferramentas de IA por autores, editores e pareceristas deve ser informado e a omissão é considerada uma falha ética que viola a transparência do processo de comunicação e edição científica. As diretrizes apresentadas pelo SciELO prezam pelo uso da IA em consonância com padrões éticos na comunicação das pesquisas e indica a atualização das instruções aos autores, das diretrizes da gestão editorial, avaliação e edição.

Limongi (2024) enfatiza a necessidade de uma governança robusta, com disponibilização de regras que orientem sobre o uso ético e responsável da IA, que garantam a integridade da pesquisa científica. E diante da ausência de diretrizes estabelecidas por instituições como o MEC, Capes e CNPq, Sampaio (2024) argumenta que o Brasil deveria desenvolver regulações próprias sobre o uso de IA na pesquisa científica, em consonância com o contexto científico local. Nessa mesma perspectiva, Schmidt (2024, p. 36) destaca que, diante da popularização de ferramentas de IAGen, universidades e instituições científicas brasileiras, inspiradas em iniciativas similares dos Estados Unidos e da Europa, começaram a desenvolver as próprias diretrizes.

METODOLOGIA

Este artigo é fruto de uma pesquisa de natureza qualitativa, exploratória e bibliográfica, de uma revisão de literatura narrativa, bem como de uma reflexão crítica sobre o uso da IA e as orientações disponibilizadas nas políticas e diretrizes dos periódicos científicos para orientação de autores e editores. Trata-se de parte de uma pesquisa de doutorado, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Com base nos conceitos e princípios teóricos, buscou-se identificar as políticas ou diretrizes disponibilizadas pelos periódicos científicos sobre o uso da IA por autores, editores e pareceristas. As orientações podem incluir o uso de ferramentas de IA na coautoria, análise da linguagem natural, detecção de plágio, verificação das normas bibliográficas, verificação de erros gramaticais, tradução, uso de imagens geradas por IA, análise de dados, revisão por pares, entre outros. O corpus da pesquisa foi composto por 84 periódicos da área da Comunicação que fazem parte da lista de periódicos da área – revistas ativas na área de Comunicação no Brasil, disponibilizada no site da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós)⁴.

Quadro 1 – Lista de periódicos da área: revistas ativas na área de Comunicação no Brasil

Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura
Alceu (Online)
Âncora – Revista Latino-americana de Jornalismo
Animus (Santa Maria)
Aturá – Revista Pan-Amazônica de Comunicação
Brazilian Journal of Technology, Communication, and Cognitive Science
Brazilian Journalism Research (Online)
Cadernos de Comunicação (UFSM)
Cambiassú (UFMA)
Comunicação & Informação (UFG)
Comunicação & Inovação
Comunicação & Sociedade
Comunicacao e Educacao (USP)
Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo. Impresso)
Comunicologia
Conexão – Comunicação e Cultura (UCS)
Contemporanea (UFBA. Online)
Culturas Midiáticas
C-Legenda
Devires: Cinema e Humanidades
Discursos Fotográficos
Dispositiva

⁴ Disponível em: <https://compos.org.br/publication/lista-de-periodicos-da-area/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

Doc On-Line
E-Com (Belo Horizonte)
E-Compós (Brasília)
Eccom – Educação, Cultura e Comunicação
Entre Meios (Online)
Eptic (UFS)
Estudos em Jornalismo e Mídia
Fronteiras – Estudos Midiáticos
Galáxia (PUCSP)
Gutenberg: Revista de Produção Editorial
Ícone (Recife)
Iniciacom: Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social
Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação
Interin
Intexto
Insólita – Revista Brasileira de Estudos Interdisciplinares do Insólito, da Fantasia e do Imaginário
Líbero
Logos: Comunicação e Universidade
Lumina (Juiz de Fora)
Matrizes (Online)
Mediação
Mídia e Cotidiano
Novos Olhares
Organicom (USP)
Panorama: Revista Científica de Comunicação Social
Paulus – Revista de Comunicação da FAPCOM
Pauta Geral – Estudos Em Jornalismo
Pós-limiar
Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação
Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora
Rebeca – Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual
Rebej (Brasília)
Reciis
Revista Alterjor USP
Revista Anagrama (USP)
Revista Brasileira de História da Mídia
Revista Compolítica
Revista Comunicação, Cultura e Sociedade
Revista Comunicação Midiática
Revista Contracampo
Revista de Estudos Universitários
Revista Eco-Pós (Online)
Revista Esferas
Revista Extraprensa
Revista Famecos (Online)
Revista Geminis
Revista Internacional de Folkcomunicação
Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación
Revista Movimento (ECA-USP)
Revista Narratio
Revista Observatório
Revista Paradoxos

Revista Passagens: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação UFC
Revista UNINTER de Comunicação
Rizoma
Rumores (USP)
Significação. Revista de Cultura Audiovisual
Signos Do Consumo
Sur Le Journalisme, About Journalism, Sobre Jornalismo
Temática
Triáde: Comunicação, Cultura e Mídia
Vozes & Diálogo

Fonte: Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação - Compós (2022).

A consulta foi realizada no *site* de cada um dos periódicos, a partir do *link* disponibilizado pela Compós, entre junho e setembro de 2024. Em caso de erro na tentativa de acesso, buscou-se a URL do periódico através do *Google*. Os *links* de acesso às revistas Comunicação & Sociedade e Brazilian Journal of Technology, Communication, and Cognitive Science estavam indisponíveis, mas foi possível localizar o endereço correto a partir de uma busca no *Google*. Ao acessar o site de cada revista, foram averiguadas, primeiramente, as informações na página principal, em seguida as seções “Sobre”, “Política editorial”, “Submissão” e, por fim, as diretrizes disponibilizadas aos autores. Durante a verificação, elaborou-se uma tabela com a indicação da ausência ou presença de orientações sobre o uso da IA e as principais abordagens, após a leitura integral das diretrizes.

Através da revisão da literatura foi possível obter uma visão abrangente sobre oportunidades e desafios para editores e pesquisadores, bem como identificar orientações iniciais do Comitê de Ética na Publicação (COPE) e diretrizes desenvolvidas por editoras científicas comerciais, por instituições de pesquisa ou pelos próprios periódicos.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Durante a análise das políticas editoriais, constatou-se que vários periódicos declaram a observância às diretrizes estabelecidas pelo COPE em relação às práticas éticas e integridade da pesquisa, sem, contudo, disponibilizar abordagem que envolva os critérios específicos relacionados à utilização da IA por autores, editores, avaliadores e membros das equipes editoriais.

Dentre os 84 periódicos consultados, apenas quatro disponibilizam orientações sobre o uso da IA em suas políticas ou diretrizes: Comunicação & Educação, Matrizes, Novos Olhares e Organicom.

Figura 1 - Diretrizes sobre o uso da IA em periódicos da área da Comunicação

Periódico	Abordagem	Tipo de orientação / disponível em
Comunicação & Educação	Diretrizes para autores, editores e pareceristas.	Políticas e condições de uso de Inteligência Artificial (IA) – https://www.revistas.usp.br/comueduc/politicaeusodela
Matrizes	Diretrizes para autores, editores e revisores.	Políticas de uso de IA (Inteligência Artificial) https://www.revistas.usp.br/matrizes/inteligenciaartificial
Novos Olhares	Adota o posicionamento do COPE em relação às ferramentas de IA.	Declaração de posição sobre Inteligência Artificial (IA) https://www.revistas.usp.br/novosolhares/Politica
Organicom	Adota o posicionamento do COPE em relação às ferramentas de IA.	Diretrizes para autores – do uso de Inteligência Artificial https://www.revistas.usp.br/organicom/about/submissions

Fonte: A autora (2024).

Nas diretrizes apresentadas pelos quatro periódicos, Novos Olhares e Organicom adotam as mesmas orientações apresentadas pelo COPE, no início de 2023. A revista Novos Olhares disponibiliza em sua política editorial a “Declaração de posição sobre a Inteligência Artificial (IA)” e a Organicom apresenta, no item “Submissão”, um tópico intitulado “Do uso de Inteligência Artificial”. Ambas as revistas ratificam que o uso de ferramentas de IA durante qualquer etapa do desenvolvimento do artigo deverá ser indicado nos procedimentos metodológicos com informação sobre a aplicação realizada e a ferramenta utilizada. As orientações reafirmam que a responsabilidade pelo conteúdo é do autor.

Já as revistas Comunicação & Educação e Matrizes, também se orientam pelas diretrizes do referido comitê, mas ampliaram a abordagem e apresentaram procedimentos para editores, avaliadores e revisores, além dos autores. Comunicação & Educação disponibilizou instruções em “Políticas e condições de uso de Inteligência Artificial (IA)” e a revista Matrizes apresenta “Políticas de uso de IA (Inteligência Artificial)”, ambas com posicionamento semelhante às revistas Novos Olhares e Organicom, mas incluindo também a indicação da proibição do uso de ferramentas de IA pelos editores e pareceristas. Dessa forma, contemplam vários atores que se encontram incluídos no processo e demonstram empenho na promoção de maior transparência, qualidade e

integridade no fluxo editorial e no processo de comunicação científica. Conforme mencionou o editor da revista Science, é necessário atualizar as políticas editoriais sobre o uso da IA, pois a declaração de originalidade não é mais capaz de assegurar que o conteúdo foi produzido somente com o esforço do autor (Thorp, 2023, p. 313, tradução nossa).

Há que se considerar, ainda, que existem diversas tecnologias de IA integradas aos processos editoriais, mas que não são declaradas. Alguns autores utilizam, por exemplo, tradutores automáticos, sem que isso seja informado. Sampaio (2024) destaca que não há consenso sobre o uso de ferramentas de IA para aperfeiçoamento do texto, sem geração de novas ideias, como tradutores, corretores de ortografia; a conduta é aprovada por algumas editoras e periódicos e rejeitada por outros. Na visão de Boyd-Graber, Okazaki e Rogers (2023 *apud* Sampaio, 2024), “o uso de tais modelos generativos para agregar, resumir, expandir, parafrasear e questões mais básicas em termos do texto, é aceitável”. Percebe-se, porém, que a principal preocupação está relacionada à geração automática de textos, às questões de autoria, plágio e ética.

Sobre o uso de IA no fluxo editorial, pelas equipes editoriais dos periódicos, em atividades como a emissão dos pareceres e a verificação do escopo, Sampaio (2024) afirma que existem indicativos da prática por periódicos e editoras, mas permanecem as divergências de opiniões. O autor destaca que as IAGen podem contribuir para a aceleração do processo de revisão dos manuscritos e, conseqüentemente, na agilidade da publicação dos resultados das investigações. A Unesco (2023, p. 10) menciona o uso experimental de IA na revisão de artigos acadêmicos, sem, contudo, aprofundar no debate sobre o assunto. Entre os periódicos analisados na pesquisa, Comunicação & Educação apresenta diretrizes para editores e avaliadores informando a proibição do uso de ferramentas de IA e que a avaliação será desconsiderada em caso de descumprimento da norma. A revista Matrizes também rejeita a IA nas etapas avaliativas realizadas por editores e revisores. Já as orientações elencadas pelos periódicos Novos Olhares e Organicom se limitam às questões relacionadas à autoria.

As quatro publicações que explicitam diretrizes sobre o uso de ferramentas de IA, Comunicação & Educação, Matrizes, Novos Olhares e Organicom, são vinculadas à Universidade de São Paulo (USP) e disponibilizadas no Portal de Revistas da instituição. Constatou-se, portanto, que a divulgação de orientações sobre o uso de IA trata-se de

iniciativa da equipe editorial de cada revista, pois não foram localizadas, no *site*⁵ do Portal de Revistas da USP, recomendações sobre boas práticas editoriais relacionadas ao uso de IA. As quatro revistas também não integram a Coleção SciELO, o que ratifica que se refere a uma ação das equipes editoriais para orientação de autores, editores e pareceristas.

Apesar de alguns periódicos declararem em suas políticas a adesão aos critérios de integridade recomendados pelo COPE, existe uma lacuna na indicação precisa de diretrizes nas publicações sobre o uso da IA. A utilização desses recursos e ferramentas na comunicação científica é uma prática ainda recente, envolve uma área em rápida evolução, discussões e tensões e um cenário de incertezas, mas que requer políticas editoriais que acompanhem a velocidade das inovações. Nesse contexto dinâmico, é possível que as equipes editoriais ainda não tenham tido a oportunidade de se debruçar sobre o tema e de atualizar as políticas. No entanto, é crucial empenhar esforços para consolidar diretrizes basilares para a integridade da publicação. Além disso, as equipes editoriais, que normalmente são multitarefas, nem sempre estão preparadas para lidar com os mecanismos da IA, dificultando a gestão desses desafios, inclusive em periódicos da área da Comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da ausência de orientações mais completas sobre o uso da IA na comunicação científica, editoras comerciais e periódicos estão desenvolvendo as próprias diretrizes. Nesse sentido, o presente trabalho investigou revistas da área da Comunicação e constatou que uma pequena parcela, menos de 5%, explicitou políticas e diretrizes para autores, avaliadores e editores, embora muitos periódicos remetam sua política de ética às diretrizes do COPE.

Apesar de ser recente, o uso da IA na comunicação científica, principalmente a IAGen, trata-se de uma realidade e é urgente que a prática seja direcionada, com o estabelecimento de diretrizes e políticas de forma a maximizar benefícios, minimizar os riscos e extrair dessa prática as potencialidades que preservem a ética e a integridade científica. Ao estabelecerem procedimentos precisos sobre o uso da IA, os quatro periódicos da área da Comunicação, Comunicação & Educação, Matrizes, Novos Olhares e Organicom, demonstram alinhamento com o avanço da tecnologia e se mantêm

⁵ Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/wp/>. Acesso em: 20 set. 2024.

vigilantes quanto aos desafios e oportunidades apresentados pela IA e o seu impacto na comunicação científica, mesmo quando a diretriz seja pela proibição de IA na redação dos textos.

Para ampliar os resultados obtidos nessa pesquisa, os possíveis desdobramentos poderão envolver a expansão do escopo, com a investigação dos periódicos da área de avaliação Comunicação e Informação, indicada pela Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Nível Superior (Capes), para obter um panorama mais abrangente das diretrizes e políticas sobre o uso da IA nos periódicos científicos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Carlos E. S.; ASSIS, Francisco; MARTINO, Luís M. Sá; PRAZERES, Michelle. 25 anos de contribuições às ciências da comunicação. **Líbero**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 5-12, 2022. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1831>. Acesso em: 10 maio 2024.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (COMPÓS). **Lista de periódicos da Área**: revistas ativas na área de Comunicação no Brasil. 2022. Disponível em: <https://compos.org.br/publication/lista-de-periodicos-da-area/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

COPE. **Authorship and AI tools**. 2023. Disponível em: <https://publicationethics.org/cope-position-statements/ai-author>. Acesso em: 2 maio 2024.

FERNANDES, Lucas Rocha. Interação homem-máquina e as formas de comunicação humana. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 14, p. 1-11, 2021. DOI 10.33448/rsd-v10i14.20777. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20777>. Acesso em: 26 jun. 2024.

FIOVARANTI, Carlos. Os primeiros journals: publicações especializadas em ciências começaram a circular há 350 anos na França e Inglaterra. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 227, p. 74-75, 2015. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/os-primeiros-journals/>. Acesso em: 1 mar. 2023.

GANJAVI, Conner *et al.* Publishers' and journals' instructions to authors on use of generative artificial intelligence in academic and scientific publishing: bibliometric analysis. **BMJ (Clinical research ed.)** v. 384, e077192, 31 jan. 2024. DOI: 10.1136/bmj-2023-077192. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC10828852/#ref15>. Acesso em: 10 jun. 2024.

LIMONGI, Ricardo. The use of artificial intelligence in scientific research with integrity and ethics. **Future Studies Research Journal: Trends and Strategies**, Goiânia, 2024, v. 16, n. 1, e845. Disponível em: <https://doi.org/10.24023/FutureJournal/2175-5825/2024.v16i1.845>. Acesso em: 15 set. 2024.

LISBOA, Alveni. **O que é IA generativa?** 2023. Disponível em: <https://canaltech.com.br/inteligencia-artificial/o-que-e-ia-generativa/>. Acesso em: 15 maio 2024.

OLIVEIRA, Érica B. P. M. Periódicos científicos eletrônicos: definições e histórico. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 18, n. 2, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1701>. Acesso em: 3 jun. 2024.

SAMPAIO, Rafael Cardoso. Recomendações iniciais para editores de periódicos científicos sobre o uso de Inteligência Artificial generativa. **Blog DADOS**, 2024. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/recomendacoes-iniciais-para-editores-de-periodicos-cientificos-sobre-o-uso-de-inteligencia-artificial-generativa/>. Acesso em: 10 maio 2024.

SANTAELLA, Lucia. **A inteligência artificial é inteligente?** São Paulo: Edições 70, 2023. *E-book*. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786554270588/pageid/5>. Acesso em: 5 jun. 2024.

SCHMIDT, Sarah. Orientações a caminho: universidades brasileiras começam a formular regras para o uso de inteligência artificial. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 342, 2024, p. 34-37. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2024/08/034-037_IA_342.pdf. Acesso em: 10 set. 2024.

SCIELO (São Paulo). **Guia de uso de ferramentas e recursos de Inteligência Artificial na comunicação de pesquisas na Rede SciELO**. 2023. Disponível em: <https://wp.scielo.org/wp-content/uploads/Guia-de-uso-de-ferramentas-e-recursos-de-IA-20230914.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

SPADINI, Allan Segovia. **O que é IA Generativa? A importância e o uso das Inteligências Artificiais como ChatGPT, MidJourney e outras**. 2023. Disponível em: https://www.alura.com.br/artigos/inteligencia-artificial-ia-generativa-chatgpt-gpt-midjourney?utm_term=&utm_campaign=%5BSearch%5D+%5BPerformance%5D+-+Dynamic+Search+Ads+-+Artigos+e+Conte%C3%BAdos&utm_source=adwords&utm_medium=ppc&hsa_acc=7964138385&hsa_cam=11384329873&hsa_grp=165988188187&hsa_ad=700840982781&hsa_src=g&hsa_tgt=dsa-2276348409503&hsa_kw=&hsa_mt=&hsa_net=adwords&hsa_ver=3&gad_source=1&gclid=Cj0KCQjwsaqzBhDdARIsAK2gqneRvp36BT1GX6YDRXm9VtLAa0y54tH2NA1PzU6zB0qAhUFB8WUXHlcaAlwrEALw_wcB. Acesso em: 30 maio 2024.

Thorp, H. Holden. ChatGPT is fun, but not an author. **Science**, v. 379, n. 6630, p. 313-313, 2023. DOI: 10.1126/science.adg7879. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.adg7879>. Acesso em: 10 jun. 2024.

UNESCO. **ChatGPT e inteligência artificial na educação superior**: guia de início rápido. Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000385146_por. Acesso em: 11 set. 2024.

UNESCO. **Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa**. Paris: UNESCO, 2024. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000390241>. Acesso em: 11 set. 2024.

VALDATI, Aline de Brittos. **Inteligência artificial - IA**. São Paulo: Contentus, 2020. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 3 jun. 2024.

VASCONCELLOS, Vinicius G. Editorial – Inteligência artificial e coautoria de trabalhos científicos: discussões sobre utilização de ChatGPT em pesquisa e redação científicas. **Revista Brasileira de Direito Processual Penal**, v. 9, n. 3, p. 1047-1057, set./dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v9i3.913>. Acesso em: 15 maio 2024.